

Federici versus Marx

Gilles Dauvé

Fonte: <http://www.troploin.fr/node/85>

"Magia bruta que eu abjuro aqui"

(Shakespeare, *A Tempestade*, 1610)

Calibã e a Bruxa é de inegável interesse para nossa compreensão dos movimentos sociais na conjuntura crítica entre os tempos medievais e modernos, do advento do capitalismo, sua dimensão sexual, o tratamento das mulheres e a conversão dos corpos femininos e masculinos em uma máquina de trabalho, entre outras coisas. Mas o livro também apresenta uma visão do passado e do presente que é tão questionável quanto a perspectiva política que essa visão implica¹.

Como surgiu o capitalismo, de acordo com Silvia Federici

Federici afirma estar escrevendo "contra a ortodoxia marxista" (p. 6), e *Caliban & the Witch* é comumente lido como um complemento (ou, para alguns leitores, como uma alternativa) ao *Capital* de Marx, especialmente a Parte VIII. Federici escreve:

"(...) minha descrição da acumulação primitiva inclui um conjunto de fenômenos históricos que não estão presentes em Marx, mas que foram extremamente importantes para a acumulação capitalista. Eles incluem : 1) o desenvolvimento de uma nova divisão sexual do trabalho, subjugando o trabalho das mulheres e a função reprodutiva das mulheres à reprodução da força de trabalho; 2) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e em sua subordinação aos homens; 3) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, em uma máquina para a produção de novos trabalhadores." (p. 11)

¹ Autonomedia, 2009 (1st edição, 2004). Os números das páginas em nosso ensaio referem-se a essa edição.

Portanto, esperamos ler o que estava faltando na narrativa principal aceita, especialmente porque a história sofre de uma longa tradição de ignorar as mulheres. A questão é: aonde nos leva uma história contra-hegemônica? No caso de Federici, a autora não está apenas preenchendo lacunas: sua análise da acumulação primitiva equivale a nada menos do que uma concepção do capitalismo não apenas diferente da de Marx, mas de fato oposta a ela.

Para entender o nascimento do capitalismo, ela enfatiza a opressão específica a que os grupos sociais, especialmente as mulheres, foram submetidos. É esse o seu objetivo, e sua abordagem prioriza determinados fatores e minimiza outros.

A questão é: o que fez pender a balança histórica?

No século 17, os custos de mão de obra nas fábricas de algodão indianas eram estimados em 1/7 do que eram na Europa. A Companhia das Índias Orientais estava importando e vendendo tais quantidades de têxteis indianos na Inglaterra que “o volume das exportações têxteis indianas ameaçava sobrecarregar o setor de tecidos na Grã-Bretanha, que buscava segurança comercial em tarifas protegidas.²”. Mais tarde, em meados do século 19, metade dos produtos de algodão produzidos no mundo era fabricada no norte da Inglaterra, e os contemporâneos ficaram tão impressionados com o crescimento de Manchester (apelidada de *Cottonopolis*) quanto as pessoas ficam hoje quando visitam Xangai ou a zona de Shenzhen. Enquanto isso, “os ossos dos tecelões de algodão [estavam] branqueando as planícies da Índia”³.

O que aconteceu em dois séculos? Como os burgueses ingleses conseguiram mudar o equilíbrio de poder? Em poucas palavras, diminuindo o custo da mão de obra em seu próprio país, fabricando os mesmos artigos de forma muito mais barata. Mesmo em termos militares, a superioridade europeia só se tornou efetiva no século XX porque o Ocidente estava se beneficiando de melhores soldados e armamentos devido à revolução industrial e ao trabalho assalariado moderno. A capacidade destrutiva da metralhadora era semelhante à do tear mecânico. A história não é monocausal, mas a

² J. Darwin, *After Tamerlan. The Rise & Fall of Global Empire 1400-2000*, Bloomsbury Press, 2008, p. 154.

³ Marx, citando o governador-geral da Índia em seu relatório de 1834-45, *Capital*, vol. I, cap. 15, § 5. 15, § 5.

força motriz da ascensão de alguns países foi sua capacidade de colocar milhões de pessoas em trabalho produtivo.

Em contrapartida, Federici seleciona a desapropriação como a principal causa. No entanto, despojar os agricultores de suas terras, os aldeões de seus vínculos comunitários e as mulheres de seus ofícios e habilidades foi apenas uma condição negativa, uma condição necessária, embora insuficiente. *Caliban & the Witch* é prejudicado pela omissão de fatores essenciais de "impulso". O relato histórico não faz sentido. Ele não complementa nem enriquece *O Capital*: segue um caminho completamente divergente.

Por quê? Porque a visão de acumulação primitiva de Federici é alimentada por uma definição de capitalismo que é muito diferente da de Marx.

O capitalismo de acordo com Silvia Federici

Caliban & the Witch é um bom título shakespeariano⁴, com o benefício adicional de resumir com precisão a tese do livro: não apenas o capitalismo foi construído sobre a escravidão e a subjugação da mulher no passado, mas também foi assim que ele se perpetuou e ainda se mantém. Federici está fornecendo grão para seu moinho.

Em seu cenário, o escravo e a mulher desempenham um papel mais decisivo do que o trabalhador ou a trabalhadora, e a trabalhadora desempenha um papel mais vital por causa de seu papel em casa do que por causa do que faz na oficina ou no escritório.

Dar primazia à escravidão e à subordinação da mulher não é documentado por fatos. A escravidão desempenhou um papel indispensável na ascensão do capitalismo entre os séculos 16 e 18, mas sua importância começou a declinar com a industrialização em larga escala e a Inglaterra, líder da revolução industrial, foi um dos principais países abolicionistas, primeiro do comércio de escravos e depois da própria escravidão. Várias formas de escravidão existem no século XXI, mas há muito tempo deixaram de ser vitais para a economia capitalista. Quanto à desigualdade sexual, ela

⁴ Embora "Free Caliban" às vezes possa ser visto pintado nas paredes das ruas, há menos preocupação com sua mãe, "essa maldita bruxa Sycorax". Em termos de gênero, é interessante notar que uma produção de *The Tempest* filmada por Julie Taymor em 2010 transforma o duque e mágico Próspero em uma mulher, Próspera, interpretada por Helen Mirren.

certamente não desapareceu, mas está diminuindo nos países mais "avançados". Embora ainda discrimine as mulheres, o capitalismo inclui cada vez mais mulheres no mundo do trabalho, emprega-as em profissões tradicionalmente dominadas por homens e as contrata para cargos executivos de alto escalão. De todos os sistemas sociais existentes, o capitalismo é o que parece tratar os gêneros de forma menos desigual. Ele não emancipa as mulheres, mas não se baseia em sua subjugação⁵.

Esses fatos são irrelevantes para Federici, cuja análise se baseia em um pressuposto. Tudo depende de qual ponto de virada histórico é escolhido como ponto de partida. Ela *precisa* situar o surgimento do modo de produção capitalista na encruzilhada entre a Idade Média e o Renascimento, ou seja, antes da revolução industrial, porque ela equipara o nascimento do capitalismo à exclusão das mulheres do mundo do trabalho, do trabalho produtivo de valor, seu rebaixamento nos séculos 15 e 16 à esfera "reprodutiva" e, mais tarde, a empregos menos remunerados.

Federici aborda o trabalho assalariado não com base no que ele é, mas no que é exterior a ele, o que ocorre fora do local de trabalho e (segundo ela) torna o trabalho assalariado possível. De fato, é um conceito bastante relevante. Infelizmente, quando ele é estendido a tudo, e as distinções entre reprodução da população, reprodução do capital, reprodução do sistema de classes e toda a reprodução social se tornam confusas, o conceito sobrecarregado se torna irrelevante.

O antigo marxismo focado no trabalhador estava comprometido em dar destaque às fábricas. Federici também é tendenciosa, embora com um viés diferente: o foco mudou da produção para a reprodução, ou seja, a reprodução de crianças. Um papel vital é agora atribuído às mulheres: *vital* é a palavra mais adequada, porque Federici acredita que as mulheres desempenham uma posição fundamental no capitalismo porque são as geradoras de vida: são elas que engravidam e geram filhos.

"(...) as mulheres têm sido as produtoras e reprodutoras da mercadoria capitalista mais essencial: a força de trabalho. (...) o trabalho não remunerado das mulheres no lar tem sido o pilar sobre o qual a exploração dos trabalhadores assalariados (...) foi construída, e o segredo de sua produtividade." (p. 7)

⁵ Pretendemos publicar um ensaio sobre "a questão das mulheres" em um futuro próximo.

Caliban & the Witch é famoso como um estudo inovador sobre a transição do feudalismo para o capitalismo, mas apesar de toda a pesquisa de Federici, seu relato se baseia em um postulado repetido. Ao mesmo tempo em que os leitores se impressionam com a riqueza dos dados históricos, eles se inclinam a aceitar a suposição da autora: uma definição de capitalismo baseada em duas características essenciais e interligadas: desapropriação e restrição. Enquanto os cercamentos privavam milhões de famílias rurais de seus meios de subsistência, milhões de mulheres estavam sendo despojadas de seus ofícios e do conhecimento tradicional da comunidade, e expulsas do que hoje é chamado de economia formal. Essa condição indispensável, entretanto, não define o capitalismo. O próprio alicerce do feminismo marxista é uma premissa que não pode ser provada de forma alguma.

O trabalho de acordo com Silvia Federici: a teoria do trabalho "reprodutivo"

Caliban & the Witch foi escrito para validar uma teoria. Como a autora deixa claro no início, uma versão anterior (em 1984) "foi uma tentativa de repensar a análise de Marx sobre a acumulação primitiva a partir de um ponto de vista feminista", e a segunda (2004) ampliou o escopo. O livro aproveita os fatos para uma polêmica. Federici explicou:

"comecei a fazer o trabalho histórico que resultou em *Caliban and the Witch*. Eu queria ter uma base histórica e teórica para dizer que o trabalho doméstico não era um legado ou uma sobra de uma era pré-capitalista, mas era um tipo particular de atividade que, em suas relações sociais, havia sido construída pelo capitalismo. (...) o trabalho doméstico, o trabalho doméstico e todo o complexo de atividades pelas quais toda a nossa vida é reproduzida é, na verdade, um trabalho essencial para a organização capitalista do trabalho. Ele produz não apenas refeições e roupas limpas, mas reproduz a força de trabalho e, portanto, é, de certa forma, o trabalho mais produtivo do capitalismo. Sem esse trabalho, nenhuma outra forma de produção poderia ocorrer. (...) é um trabalho essencial, fundamental (...)"⁶

⁶ *The Making of Capitalist Patriarchy [A construção do patriarcado capitalista]: Interview with S. Federici*, dezembro de 2013, Black Sheep. Um podcast socialista.

"(...) uma das contribuições mais importantes da teoria e da luta feminista (...) é a redefinição do trabalho e o reconhecimento do trabalho reprodutivo não remunerado das mulheres como uma fonte fundamental de acumulação capitalista. Ao redefinir o trabalho doméstico como TRABALHO, não como um serviço pessoal, mas como o trabalho que produz e reproduz a força de trabalho, as feministas descobriram uma nova base crucial de exploração que Marx e a teoria marxista ignoraram completamente.⁷"

Esse foi um dos pilares da autonomia italiana e do feminismo radical no período de 1960-80, expresso já em 1970 pelo *Manifesto* da Rivolta Femminile:

"Identificamos no trabalho doméstico não remunerado a ajuda que permite a sobrevivência do capitalismo privado e estatal.⁸"

Essa teoria permaneceu como um dos princípios comuns ao feminismo radical, goza da reputação de um credo testado pelo fogo, e qualquer tentativa de dar um tom diferente certamente atrairá críticas de muitos círculos.

Como isso amplia a noção de *trabalho excedente* do local de trabalho para o lar, um breve lembrete pode ajudar. Marx argumenta que um trabalhador assalariado recebe o valor de sua força de trabalho, ou seja, o custo de sua reprodução. Essa mercadoria, entretanto, é bastante especial: não é um objeto, mas uma capacidade ativa de fazer algo. Uma parte do dia de trabalho será gasta na reprodução dos meios de subsistência necessários para que o trabalhador viva e crie uma família. Outra parte vem depois das horas em que o trabalhador ganhou seu sustento: essa parte é, portanto, não paga e adicional (daí o termo "trabalho excedente"): é a fonte de lucro do patrão.

A essência do conceito de "trabalho reprodutivo" (feminino) é localizar outra fonte de trabalho "gratuito" nas atividades realizadas pelas donas de casa.

De acordo com essa tese, o trabalho doméstico (realizado por mulheres) reduz o custo da força de trabalho: se o trabalhador (homem) tivesse que comer fora ou comprar refeições pré-embaladas, levar a roupa para lavar etc., ele estaria gastando mais do que

⁷ S. Federici, *Precarious Labor and Reproductive Work* (2010), trecho de "Precarious labor: A feminist viewpoint", uma palestra de 2006. No site "[caring labor: an archive](#)", com o subtítulo "power to the caregivers and therefore to the class". O nome já diz tudo: *a classe* é composta por todos aqueles (principalmente mulheres) que estão encarregados do trabalho de cuidar.

⁸ Texto completo no site [columbia.edu](#).

se uma mulher cozinhasse e lavasse a roupa em casa para ele. Graças à atividade não remunerada dessa mulher, o patrão economiza dinheiro: ele se beneficia desse trabalho, pois transfere para as mulheres o custo de manter e educar os trabalhadores assalariados do sexo masculino. O trabalho doméstico, segundo a tese, é como um presente gratuito dado ao capitalista e uma das fontes permanentes essenciais de valorização do capital.

Logicamente, isso significa que o "segredo" da riqueza capitalista não se encontra apenas no local de trabalho, mas também em casa. Um passo mental adiante, e o *também* se torna *principalmente*, como comprovado pelas citações acima, em que Federici chama o trabalho doméstico de "o mais produtivo", "essencial" e "fundamental".

Se isso fosse verdade, como o salário paga o custo de produção da mão de obra, o trabalhador do sexo masculino que vive sozinho custaria mais do que seu colega casado e deveria receber mais. Na verdade, a mesma lógica se aplicaria à trabalhadora solteira, e seu chefe teria de lhe pagar um salário melhor do que se ela vivesse em uma família. Esse não é o caso. É desprezível e opressivo que muitos homens cheguem em casa, coloquem os pés para cima e esperem que suas esposas lhes tragam o jantar enquanto assistem à TV, mas uma família não é uma fábrica de trabalho. Podemos chamar *o trabalho* do que quisermos, mas o único trabalho que reproduz o capital é aquele feito para uma empresa.

O fato de o trabalho doméstico ser compartilhado igualmente (o que raramente acontece) ou de o marido tirar vantagem da esposa não muda nada na reprodução do capital. Os homens certamente "lucram" com as mulheres, mas isso não tem nada em comum com o lucro de uma empresa. O trabalho doméstico não resulta em mais-valia, não gera uma mercadoria vendida em um mercado.

Além disso, a teoria do trabalho "reprodutivo" pressupõe que viver em um casal seja a norma para os trabalhadores, o que, mais uma vez, não é verdade. Há uma grande variedade de modos de vida para os trabalhadores assalariados. Alguns vivem em famílias, outros são solteiros, outros estão alojados em grandes blocos de apartamentos onde casais se misturam com pessoas solteiras, outros ainda em dormitórios no estilo barracão. Enquanto os mineiros tradicionais têm uma vida familiar perto de suas minas, a mineração a céu aberto faz com que a força de trabalho viva em acomodações

arranjadas longe de casa durante a vigência do contrato de trabalho. O mesmo se aplica à equipe das plataformas de petróleo. Milhões de asiáticos, homens e mulheres, deixam suas famílias para encontrar empregos em canteiros de obras ou no setor de serviços no Oriente Médio, e precisam se contentar com acampamentos, assentamentos em contêineres ou, às vezes, ficar na casa do chefe.

Além disso, o que dizer de uma mulher solteira e sem filhos que vive sozinha sem cuidar de nenhum parente (não é a maioria dos casos, mas é um número significativo mesmo assim): que "trabalho reprodutivo" ela realiza? A rigor, o tema "trabalho reprodutivo" não é uma teoria da *mulher*, apenas uma teoria da *dona de casa*.

De qualquer ponto de vista que se analise, o trabalho doméstico feminino não é estruturalmente indispensável ao capital.

É verdade que Engels escreveu que "dentro da família [o marido] é o burguês e a esposa representa o proletariado"⁹.

Isso não justifica transformar uma analogia em uma teoria rígida, mas o feminismo autonomista gosta muito de raciocínio analógico.

Federici prossegue duplicando a teoria do valor: a mais-valia não resulta apenas do trabalho produtivo realizado em benefício de uma empresa, mas também - e, de fato, principalmente - do trabalho doméstico. Tudo se resume ao que se entende *por* produção e *reprodução*. Os conceitos passam por uma mudança semântica aqui:

"(...) a produção de valor nunca é realmente o produto de um local específico, mas é determinada socialmente. (...) você tem uma ampla linha de montagem social (...) que é toda necessária para a produção de mais-valia. (...) as atividades pelas quais o trabalhador assalariado é reproduzido fazem parte dessa linha de montagem social: é parte de um processo social que determina a mais-valia. [Trata-se de uma fábrica social que se estende para além da própria fábrica. (...) para as mulheres, o lar é a fábrica; é um local de produção."¹⁰

⁹ *Origins of the Family, Private Property & the State (Origens da Família, Propriedade Privada e Estado)*, 1884, Cap. II, Parte 4. A ideia teve origem na primeira socialista e feminista Flora Tristan (1803-44).

¹⁰ Entrevista em Black Sheep.

"(...) o corpo tem sido para as mulheres na sociedade capitalista o que a fábrica tem sido para os trabalhadores assalariados do sexo masculino, o principal motivo de sua exploração e resistência (...)" (p. 15)

Nessa mentalidade, *a reprodução* engloba tudo e todos, capital, classes, população, força de trabalho, homens e mulheres burgueses, homens e mulheres proletários etc. Raciocinando aqui novamente por analogia, Federici amplia os conceitos a um ponto em que a definição é tão vaga que o significado se perde. Atualmente, muitas atividades podem ser rotuladas como "sociais", mas nem todo ato reprodutivo gera valor. Federici, no entanto, escreve como se tudo fosse exploração, tudo fosse trabalho e tudo gerasse valor.

Bem, nem tudo. Federici argumenta que uma reprodução supera todas elas: procriar e criar filhos. Como as mulheres geram filhos, sem os quais não haveria sociedade nem capitalismo, a teoria do "trabalho reprodutivo" confere a elas um papel produtivo que parece semelhante aos papéis de outros fatores de produção, embora essa teoria lhes dê, de fato, um papel determinante.

A rica quantidade de informações de *Caliban & the Witch* serve a um propósito: martelar a noção de que o sistema capitalista se baseia na subjugação passada e presente das mulheres. O livro tem como objetivo que "(...) o trabalho doméstico seja agora entendido como a reprodução da força de trabalho, a reprodução da mercadoria mais importante (...)"¹¹.

Federici feminiza o marxismo, provavelmente foi isso que a tornou popular.

"Wages for Housework": um slogan político

Se um movimento social for forte o suficiente para que as mulheres sejam pagas por suas atividades domésticas, ficaremos felizes, pois saudaremos o sucesso de uma reivindicação que melhore a condição do proletário, seja ele homem ou mulher. O princípio do "tudo ou nada" não é nossa política, tampouco o "quanto pior, melhor".

¹¹ S. Federici, *Prekarious Labor and Reproductive Work* (2010).

Os proponentes dessa medida, entretanto, esperam algo diferente.

Para alguns de seus apoiadores, pedir que o trabalho doméstico fosse pago era uma palavra de ordem radical. Os autonomistas italianos estavam procurando algo que unisse e mobilizasse todos os grupos explorados, além da tradicional "classe trabalhadora" e das questões salariais estritamente definidas. Como disse Lotta Feminista em 1973: "Uma parte da classe com salário, a outra sem. Essa discriminação tem sido a base de uma estratificação de poder entre os que recebem e os que não recebem, a raiz da fraqueza da classe (...)"¹²

Portanto, os ativistas do "Wages for Housework" tinham como objetivo reunir todos os explorados, porque essa palavra de ordem "desmantela toda a arquitetura social que tem sido extremamente poderosa para manter as pessoas divididas (...)"¹³. A classe trabalhadora, como dizem os autonomistas, não é suficiente. Entre outras falhas, ela dificilmente se preocupa com a subordinação da mulher. Portanto, a política deve ser inclusiva: lutar por um "salário político" era equivalente a pedir que o desempregado, a dona de casa, o estudante, o doente ou o paciente de hospital recebessem o mesmo salário que o trabalhador empregado normalmente recebe. Uma vez que o capitalismo só dá os meios de vida à minoria que ele coloca na folha de pagamento, essa demanda tinha o objetivo de expor a lógica absurda e esmagadora do sistema.

Na verdade, aqueles que lançaram a ideia nunca esperaram que a demanda fosse atendida e, além disso, não queriam que fosse. O plano era lançar uma campanha de conscientização com o resultado de que, como os capitalistas não querem e não podem implementar essa reivindicação, a pressão social para que ela seja atendida explodiria o sistema. "Com uma alavanca longa o suficiente e um ponto de apoio para colocá-la, eu moverei o mundo", diz Arquimedes. No caso atual, a alavanca seria a demanda abrangente para remunerar os não remunerados, e a massa proletária praticamente ilimitada forneceria o ponto de apoio. O raciocínio seria convincente se a história funcionasse com os mesmos princípios da física. A campanha "assalariar os não assalariados" baseava-se na crença de que os revolucionários poderiam inventar uma demanda que seria sentida como universal pelos explorados (no sentido mais amplo) e

¹² Citado por G.Katsiaficas, *The Subversion of Politics: European Social movements & the Decolonization of Everyday Life*, Cap. 2, eroseffect.com.

¹³ Entrevista em Black Sheep.

considerada inaceitável pelos governantes. Essa busca pela cura milagrosa é uma constante da política esquerdista: os ativistas enxertam artificialmente seu remédio mágico em lutas de base que, em geral, permanecem sem resposta. A tempestade social italiana trouxe consigo a velha obsessão: como dar um impulso aos explorados? Como liberar a locomotiva da história de seu freio enferrujado? Um unificador, um multiplicador de forças, seria o suficiente.

Na verdade, os ativistas não conseguiram transformar essa fórmula ferozmente lógica em realidade. Ao contrário dos votos para as mulheres, do controle de natalidade, do aborto, da igualdade de oportunidades de trabalho e de salários iguais, a iniciativa "Wages for Housework" não se baseou realmente em lutas reais e, na prática, foi adicionada aos coletivos de mulheres por grupos políticos que haviam escolhido esse tema como parte principal de sua plataforma.

Além disso, supondo que milhões de pessoas tivessem saído às ruas e exigido dinheiro suficiente para viver, ou seja, pelo menos tanto quanto o chamado salário mínimo e provavelmente mais, esses milhões de mulheres e homens já teriam passado do estágio de exigir dinheiro para todos e começado a se perguntar como criar um mundo *sem* dinheiro.

Depois de 1977, o ano divisor de águas, as coisas estavam se fechando para os esforços revolucionários. Como acontece com frequência com os ativistas, quando ficou claro que a prática não correspondia à teoria, eles mantiveram suas táticas e esperavam obter sucesso repetindo sempre sua palavra de ordem. A campanha "Waging the un-waged" (Assalariando o não assalariado) entrou em ação, previsivelmente com poucos resultados.

Outros defensores do "Wages for Housework", entretanto, conseguiram transformar esse tópico em uma questão debatida nos círculos políticos e na mídia. Elas foram mais bem-sucedidas porque eram menos extremistas, mais simplesmente focadas nas mulheres, seja em uma perspectiva radical ou reformista, ou em uma mistura de ambas. Selma James, por exemplo, vem combinando atividades de organização de base e de lobby há décadas¹⁴. Sua campanha em favor do reconhecimento oficial do trabalho

¹⁴ Como Federici explica, *Caliban & the Witch* é baseado em *Women & the Subversion of the Community*, de M. Della Costa e S. James, 1972. Também de S. James: *Sex, Race & Class*, 1975. "Gênero + classe + raça", o tríptico mágico do radicalismo do século 21 já existia há quarenta anos.

não remunerado faz o possível para convencer os governos e as Nações Unidas de que os cuidadores (a começar pelas mulheres) são essenciais para a vida econômica e política. Embora ela se reúna com legisladores para tentar influenciar suas políticas, sua ação ainda é frequentemente formulada em termos de *classe*¹⁵. No entanto, apesar desse discurso radical, seus esforços não trazem nada além do que o capitalismo vem fazendo há tempos: conceder subsídios para famílias, crianças, mães que não trabalham ou pais solteiros. Longe de subverter o sistema salarial, esses benefícios adicionais contribuem para o salário indireto ou *social* que agora faz parte da relação capital/trabalho. Em sua forma mais moderna, o capitalismo não pode ignorar o bem-estar daqueles que cuidam da criação e da educação dos filhos e, portanto, inclui os anteriormente excluídos - ou seja, as mulheres em casa - em sua reprodução geral.

O feminismo de extrema esquerda começou como uma crítica à política e ao sindicalismo tradicionais (dominados por homens) de esquerda, que supostamente defendiam os trabalhadores das fábricas e negligenciavam o que acontecia fora do chão de fábrica. O que costumava ser radicalismo agora está apenas complementando o reformismo sindical.

Para evitar uma crítica superficial, digamos que *o reformismo* não é um insulto para nós: é uma realidade que deve ser reconhecida onde existe, a menos, é claro, que não se veja diferença entre reforma e revolução, como é o caso de S. James. *Caliban & the Witch* refere-se insistentemente a S. James como uma grande inspiração para o trabalho de Federici. Todas as evidências apontam para o fato de que Federici não vê objeção aos aspectos mais questionáveis das escolhas políticas persistentes de James.

Silvia Federici como teórica dos "bens comuns"

Caliban & the Witch forma uma agenda sobre a qual a autora nunca nos deixa dúvidas. Embora alguns leitores possam ter demorado a entender, sua posição política tem sido um segredo aberto há anos. A única diferença é que agora Federici faz explicitamente a ligação entre sua interpretação histórica e seu apoio à teoria dos "bens comuns". Ela remonta os movimentos de resistência contemporâneos à privatização dos recursos naturais à luta dos "bens comuns" do passado, esmagados pelos cercamentos dos séculos XVI a XVIII, e pede uma renovação da "intensa socialidade e solidariedade

¹⁵ S. James, entrevista para o *The Guardian*, 25 de abril de 2012.

femininas que permitiram que as mulheres enfrentassem os homens" (p. 24) antes de serem esmagadas pela chegada da modernidade capitalista. De acordo com Federici, o esforço comunitário que foi derrotado pela ascensão do capitalismo está agora se recuperando contra a globalização, em uma escala maior e com mais chances de sucesso.

Uma das principais linhas de *Caliban & the Witch* é a importância histórica da violência, que Federici acredita que Marx subestimou: na transição para o capitalismo, diz ela, o uso da brutalidade e do constrangimento foi mais crucial do que a capacidade dos burgueses de organizar as forças produtivas: "a própria violência se torna a força mais produtiva"¹⁶.

Preferimos argumentar que há razões históricas sólidas para pensar que a violência facilitou essa transformação que marcou época. Essa lógica, entretanto, seria contrária ao método de Federici. Todo o livro é construído com base no pressuposto de que a evolução humana é, antes de tudo, uma questão de *poder*: seja o controle de uma minoria dominante sobre a grande maioria, seja a auto-organização cooperativa do povo; portanto, a mudança social consiste em criar ou recriar novas formas e lugares de poder. As características essenciais do sistema capitalista pouco importam: desde que sejam gerenciados coletivamente, o dinheiro, o trabalho e o trabalho assalariado sofrerão uma mudança de natureza e deixarão de ser exploradores e opressores:

Se o capital for definido como uma restrição, basta agirmos livremente para acabar com ele.

E se o capital é definido como desapropriação, vamos reapropriar o mundo, e essa reapropriação comunitária conjunta será suficiente para transformar o que existe agora¹⁷.

¹⁶ *Caliban & the Witch*, p. 16. Aqui, mais uma vez, o conceito é investido de um significado excessivo. Federici insiste que as mulheres são a força mais produtiva devido ao seu papel de mães e cuidadoras. Agora a violência é apresentada como a força produtiva essencial: apenas mais uma, igualmente essencial, ou mais essencial? Um borrão mental semelhante envolve a *classe*: não sabemos se as mulheres fazem parte da classe explorada ou de uma classe propriamente dita, já que "a 'história das mulheres' é a 'história da classe'", e o gênero, segundo nos dizem, "deve ser tratado como uma especificação das relações de classe" (p. 14). Cabe ao leitor entender o que se quer dizer com *especificação*. As mudanças intelectuais são o material de que este livro é feito.

¹⁷ S. Federici, "Feminism & the Politics of the Common in an Era of Primitive Accumulation", artigo de 2010, em *Revolution at Point Zero: Housework, Reproduction & Feminist Struggle*, PM Press, 2012.

Federici vê o capitalismo como uma força *externa* à sociedade e reduz a exploração à predação: os capitalistas são semelhantes a gângsteres que roubam da comunidade, portanto, a mudança virá quando a comunidade se reunir. "Comum" é apenas outra palavra para *social*, para algo que está sempre potencialmente presente, e "o comum" é a sociedade se recuperando novamente, escapando das garras do capitalismo.

Será que a sociedade pela qual lutamos já existe na sociedade atual e, em caso afirmativo, ela poderia crescer dentro da sociedade atual até assumir o controle? A resposta de Federici a ambas as perguntas é SIM, e essa é a mensagem que *Caliban & the Witch* transmite. É aí que reside a separação dos caminhos com aqueles que mantêm uma diferença fundamental entre reforma e revolução. "Não gosto de meias medidas", escreveu Jenny Marx certa vez¹⁸. James e Federici acreditam que meia mudança hoje é o passo para a mudança completa amanhã. A estratégia de Gramsci de permear a sociedade civil tornou-se o pensamento de grupo da atualidade.

Assim como S. James, Federici fala sobre *classe*, mas sua noção é tão flexível que não há mais proletários, apenas seis bilhões de pessoas comuns que enfrentam o capitalismo (ou o que restou do conceito) com suas necessidades coletivas e comunidades auto-organizadas. Não pergunte se essa revolução está a caminho ou se já está acontecendo: isso seria um sinal claro de que você ainda está preso a padrões de pensamento obsoletos. Os teóricos do "commons", como Federici, querem que acreditemos que a verdadeira mudança está aqui e agora. Eles substituem a revolução comunista pelo *alternativismo*: em poucas palavras, a pressão dos antigos laços comunitários que o capitalismo ainda não assumiu, combinada com o surgimento de uma nova economia colaborativa, de software livre e de compartilhamento, além da democracia direta participativa de baixo para cima, deve ser capaz de superar o capitalismo de forma gradual, mas segura.

Qual é a crítica ao marxismo? Que crítica a Marx?

J. Ph. Becker, um socialista alemão do século XX, chamou *O Capital* de "Bíblia da classe trabalhadora". O marxismo (relacionado ao pensamento marxiano, mas diferente dele) era a teoria do movimento trabalhista que se afirmava *dentro do*

¹⁸ Carta a Louise Weydemeyer, 11 de março de 1861.

capitalismo, seja em colaboração com os burgueses (na variante social-democrata) ou no lugar deles, ou seja, eliminando a burguesia (variante leninista). Com relação ao presente tópico, o marxismo, de modo geral, relegou as mulheres a um segundo plano. O sexo foi um dos pontos cegos de Marx.

Assim definido, o marxismo se desfez na década de 1970 sob o choque da recusa de trabalho por parte de alguns trabalhadores, uma minoria, é claro, mas suficientemente determinada para desafiar as realidades e certezas sociais¹⁹.

A década de 1970 já passou, mas os efeitos dessa crise teórica ainda continuam a ressoar. São tempos de choque, repletos de trauma e negação, como a vida após uma perda. O terremoto revelou as deficiências dos princípios revolucionários sem ser forte o suficiente para substituí-los, e só conseguiu abrir buracos em crenças ultrapassadas.

Silvia Federici faz parte da vasta gama de semicríticos que vivem dessas deficiências, particularmente do que inevitavelmente falta em Marx. O autor de *O Capital* enfatizou a característica crucial da acumulação primitiva: a separação entre o produtor e os meios de produção. Ele minimizou as mulheres, a racionalização e a mecanização da natureza e da sociedade, a desapropriação do corpo e a dicotomia mente/corpo, o papel da linguagem, o (mau) tratamento dos animais etc. Assim, *Caliban & the Witch* é lido como se estivesse explorando o que Marx mal tocou, enquanto, na verdade, Federici apresenta uma visão completamente diferente. A questão principal é se é relevante colocar as mulheres no centro do palco no advento do capitalismo, bem como em sua natureza interna. O fato de Marx ter ignorado elementos substanciais ou tê-los deixado na periferia não é suficiente para torná-los centrais.

Ninguém escapa das fronteiras de sua época.

"Vou afogar meu livro", diz Próspero no final de *A Tempestade*. Não vale a pena afogar *O Capital*, mas precisamos de uma revisão crítica de Marx²⁰.

¹⁹ Red Notes, *Italy 1977-78: Living with an Earthquake* (altamente recomendado). E também Robert Lumley, *States of Emergency: Cultures of Revolt in Italy from 1968 to 1978* (*Culturas de revolta na Itália de 1968 a 1978*). Ambos podem ser lidos na libcom.

²⁰ Uma contribuição para essa crítica: *Value, Labour Time & Communism: Re-Reading Marx*, neste site (um capítulo de *Eclipse & Re-Emergence of the Communist Movement*, PM Press, 2014). Para uma análise mais detalhada, Bruno Astarian & G. Dauvé's *Everything Must Go ! Abolish Value*, de Bruno Astarian & G. Dauvé, a ser publicado em 2016. Não é preciso dizer que um avanço real exigirá mais do que palavras.

Não podemos esperar que Federici contribua para isso. Ela participa das expressões mais fracas do levante social italiano na década de 1970²¹. O único programa comunista que as feministas radicais conheciam era o que Carla Lonzi, uma das fundadoras da Rivolta Femminile, resumiu em 1970 como o "ideal de uma propriedade comum de bens", um projeto que era muito fácil de ser considerado grosseiramente inadequado para as mulheres (e para os *homens*, um ponto essencial que C. Ponzi não viu)²². O marxismo que eles almejavam era sua versão popularizada, ou seja, um marxismo que elogiava a classe trabalhadora e equiparava o socialismo ou o comunismo a uma economia gerenciada pelos trabalhadores.

O trabalho é o ponto mais importante. Os teóricos do *ex-operaísmo* são incapazes e não querem explorá-lo. Sua força propulsora foi exaurida há quase quarenta anos e as velhas fogueiras há muito tempo viraram cinzas. Cabe ao século XXI reexaminar Marx. As feministas autonomistas seguem o caminho oposto. Em vez de se aprofundar no que Marx quis dizer com *trabalho* (especialmente examinando novamente o primeiro capítulo de *O Capital*), elas estendem o conceito a ponto de qualificar as mulheres como *trabalhadoras*. Uma mulher não é uma mulher, dizem eles, ela é uma trabalhadora porque gera filhos. O feminismo radical se orgulha de ter conquistado o reconhecimento da mulher como *trabalhadora*: como uma trabalhadora de verdade, ou seja, em pé de igualdade com o assalariado (masculino), como um ser humano realmente explorado, como se agora ela tivesse o direito de ser um membro de pleno direito do "sujeito revolucionário". No discurso esquerdista atual de 1970, o metalúrgico era o sal da terra, mas o sal parecia ter perdido seu sabor salgado, então como ele poderia se tornar salgado novamente?²³ Adicionando novas camadas de sal, ou seja, mais pessoas exploradas. As mulheres se encaixam perfeitamente nesse papel: elas são oprimidas e numerosas. O antigo sujeito revolucionário (a classe trabalhadora) era muito pequeno e, o que é pior, míope (sexista, homofóbico, produtivista etc.). Agora teremos um agente histórico maior e com uma visão mais ampla. Que simples.

²¹ Lamentavelmente, e talvez inevitavelmente, esse é o caso de outros ex-luminares da *Autonomia* italiana, como Toni Negri, por exemplo, que passou do extremismo para a política moderada, o menino travesso da escola que virou professor. Como a ofensiva da classe e da vida cotidiana italiana foi bastante profunda, suas tendências reformistas opostas também se desenvolveram naturalmente, especialmente com o declínio da onda. Os líderes da extrema esquerda são muito bons em se desradicalizar.

²² *Let's Spit on Hegel* (blogue.nt2.uqam.ca/hit/files/2012/12/Lets-Spit-on-Hegel-Carla-Lonzi.pdf). C. Lonzi remonta a desconsideração marxista pelas mulheres a uma linha de pensamento que vai de Platão a Hegel, passando por Marx, Engels, Lênin e o inevitável Gramsci (aparentemente o máximo em teoria comunista padrão para aqueles que ignoram Pannekoek e Bordiga).

²³ Mateus, 5 : 13. As atitudes políticas têm mais influência religiosa do que parece.

Aqueles que embarcaram em tal curso estavam dando as costas ao avanço real que os proletários mais avançados haviam tentado realizar. A recusa do trabalho e a crítica da vida cotidiana apontavam para uma revolução que não traria a comunidade de "produtores associados" defendida pelo marxismo. O que ela poderia ser positivamente permaneceu bastante nebuloso, mas pelo menos foi percebido de forma negativa. O movimento operário foi rejeitado não apenas porque era geralmente conservador e, às vezes, contrarrevolucionário (o que era), mas porque o mundo futuro *não poderia ser um mundo de trabalhadores*. Ao contrário, alguns autonomistas, inclusive feministas como Federici, buscavam possibilidades de ampliar o movimento operário para incluir mais categorias do que as empregadas em fábricas e escritórios, desde crianças em idade escolar até pacientes mentais, sendo que a maior categoria era, obviamente, a das mulheres. Em outras palavras, eles estavam ampliando o movimento operário quando o problema da época era como ir além dele. Sempre que o pessoal da revolução se torna a questão número um dos revolucionários, é um sinal inequívoco de que eles estão se desviando do caminho certo.

As falhas de Federici não são suas: elas expressam os limites da última onda proletária. Infelizmente, quando reconstruídas em doutrinas e programas políticos, as inadequações históricas se solidificam em obstáculos. Em vez de uma crítica do trabalho, nos é oferecida sua generalização, como se a extensão do status de trabalhador a todos pudesse destruir todo o sistema. A incapacidade prática de realizar uma crítica da fábrica resultou na expansão teórica da fábrica para o lar. Os radicais da década de 1970 foram forçados a agir e pensar dentro dos limites do que estava acontecendo em seu tempo, e a popularidade atual de Silvia Federici sugere que esse tempo ainda não acabou.

G.D., novembro de 2015

(Esta é uma versão ampliada de *Federici contre Marx*, publicada em francês em ddt21.noblogs.org)